



SEÇÃO: LITERATURA

Mar de circularidades: leituras da prosa de autoria feminina na perspectiva afro-atlântica

Sea of circularities: readings of female-authored prose from an Afro-Atlantic perspective

Jéssica Catharine

Barbosa de Carvalho¹

orcid.org/0000-0003-0004-0742

catharine@ufpi.edu.br

Ella Ferreira Bispo¹

orcid.org/0000-0002-6764-1297

ellafbispo@gmail.com

Alcione Corrêa Alves¹

orcid.org/0000-0002-8405-430X

alcione@ufpi.edu.br

Recebido em: 15 ago. 2021.

Aprovado em: 27 mar. 2022.

Publicado em: 01 dez. 2022.

Resumo: Este artigo tem por objetivo discutir algumas condições de possibilidade à análise de obras amefricanas produzidas por mulheres, centradas em universos de experiências da travessia narradas desde o ponto de vista de sujeitas(os) negras(os) no processo da Diáspora. Nesse sentido, selecionamos um *corpus* literário composto por obras de Maria Firmina dos Reis (2004), Conceição Evaristo (2017, 2019) e Ana Maria Gonçalves (2018). São abordados os estudos em torno do tráfico transatlântico e da travessia no navio negreiro; bem como o diálogo entre o conhecimento teórico e histórico sobre o tema e as produções literárias ante a experiência do sequestro e da travessia. Tomamos a metáfora do arquipélago, proposta por Édouard Glissant (2014), como fundamento à construção da metodologia que subsidiará a discussão realizada. Nossa argumentação propõe a hipótese de um Atlântico como cemitério e, particularmente, como cemitério de nossos Outros, a que o *corpus* selecionado – enquanto parte de um conjunto mais amplo das literaturas amefricanas de autoria feminina – nos permite acessar processos de recomposição das memórias fragmentadas na travessia.

Palavras-chave: Literatura amefricana; literatura afro-atlântica; Atlântico negro; Édouard Glissant; Arquipélago.

Abstract: This article aims to discuss some conditions of possibility for the analysis of amefrican² works produced by women, centered on universes of experiences of the crossing narrated from the point of view of black subjects in the Diaspora process. In this sense, we selected a literary *corpus* composed of works by Maria Firmina dos Reis (2004), Conceição Evaristo (2017; 2019) and Ana Maria Gonçalves (2018). Studies on the transatlantic traffic and the crossing on the slave ship are addressed, as well as the dialogue between theoretical and historical knowledge on the subject and literary productions in the face of the sequestration and crossing experience. We take the metaphor of the archipelago, proposed by Édouard Glissant (2014), as a foundation for the construction of the methodology that will subsidize the discussion carried out. Our argument proposes the hypothesis of an Atlantic as a cemetery and, particularly, as a cemetery of our Others, to which the selected *corpus* – as part of a broader set of amefrican literatures of female authorship – allows us to access processes of recomposition of fragmented memories in the crossing.

Keywords: Amefrican literature; afro-Atlantic literature; Black Atlantic; Édouard Glissant; Archipelago.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, PI, Brasil.

² This term is a free translation of the concept and political category, *amefricanidade*, coined by Lélia Gonzalez, a Brazilian intellectual whose formulation is of interest to the analysis proposed in this article.

“A linguagem se joga
no oceano – para desespero
da memória
que se quer museu de tudo.”
(Edmilson de Almeida Pereira)

Introdução

A passagem de “Cemitério marinho”, assim como o próprio título do poema a que recorreremos, como epígrafe ao presente texto, oferece subsídios à proposição de nosso problema, acerca do mar ou, dito de outro modo, do Oceano como *topos* a literaturas amefricanas:³ se a imagem do corpo se jogando ao oceano, em busca ou em recusa ou em fuga ao sequestro, à escravização, ao estupro, ao comércio (ao epistemicídio, em suma), se mostra recorrente em nossas referências literárias,⁴ assim como em nosso repertório de modo mais amplo,⁵ a imagem da linguagem que se joga no oceano, com as consequências daí advindas, oferece uma perspectiva ao diálogo, contribuindo com a proposta formulada por Daia-

na Nascimento dos Santos (2015), quanto a uma grande viagem através do oceano de fronteiras invisíveis, na qual, ao centro, se situa o Atlântico em seus possíveis significados e entrecruzamentos culturais como um dos trânsitos fundamentais da interconexão global (NASCIMENTO DOS SANTOS, 2015). A linguagem, presente no porão do negreiro, pressupõe uma agência que, ante a violência em jogo, escolhe e providencia seu movimento, sua sequência: além de se jogar, em arremesso, a linguagem se projeta para fora da violência, a despeito da incerteza do conteúdo daquilo que está fora, a despeito da certeza da morte contida no que está fora⁶.

No negreiro, se necessita considerar que, frequentemente, se trata de idiomas distintos entre sujeitas(os) escravizadas(os), a linguagem se desenhando desde seus inícios como *parole de nuit* (LUDWIG, 1994) rumo a sua agência a construir o arremesso do corpo, da língua, do próprio Devir ao Oceano⁷. Como parte dos exemplos literários amefricanos a situar a diversidade, por vezes a incongruência dos distintos idiomas em coexis-

³ O qualificativo *amefricanas* visa a um diálogo, necessário e em curso por parte de nossa comunidade científica, com a categoria político-cultural proposta por Lélia Gonzalez (2018). O artigo ora apresentado adotará o termo *Amébricas*, assim como suas decorrências imediatas (*amefricanas(os)*) onde, amiúde, adotariamos, por exemplo, “afroamericanas(os)”, assinalando tal percurso nas investigações, em curso, por parte de tais articulistas. Sob esses termos, ao longo deste texto, advogamos uma compreensão de identidades amefricanas, continentais, tramadas a partir do Atlântico.

⁴ A título de exemplos, pensemos em um *corpus* de literaturas amefricanas, de autoria feminina, nas quais reconhecemos a imagem do corpo se jogando no oceano: *Humus*, de Fabienne Kanor; parte das primeiras páginas de *Um defeito de cor*, assim como o capítulo 9 de *Úrsula* - subtítulo com o nome de uma de suas personagens, Preta Susana - ambas passagens retratando a viagem no porão do negreiro, rumo a escravização, no Brasil; as primeiras páginas de *Moi. Tituba sorcière...*, de Maryse Condé, nas quais a protagonista, voz narrativa, inicia sua narrativa de vida não a partir de seu nascimento mas a partir do estupro sofrido por Abena, sua mãe, no negreiro *Christ the King*; a novela “Wanwe”, primeira das três integrantes de *las Negras*, de Yolanda Arroyo Pizarro.

⁵ O segundo episódio da primeira temporada da série *American gods* (no Brasil, *Deuses americanos*), assinada por Neil Gaiman, assim como na novela de Arroyo Pizarro, uma das cenas se passa no porão do negreiro, em um momento de desespero no qual sujeitas(os) escravizadas(os) percebem que suas divindades não os virão salvar: na novela, no capítulo 13, “Los seres ancestrales no las liberan. [...] No hacen acto de presencia Orún, Olódumarè, Bàbá, Iyá ni las diosas que aún están en la Tierra, ni los verbos conjugados desde el cielo, ni los sabios del mar, ni las esencias ancestrales de culto. Olórun desaparece. Onibodè desaparece. Ibi, iyé. Àti, Ikú desaparecen” (ARROYO PIZARRO, 2012, p. 31); no episódio da série, aparece um deus, Anansi que, em um exórdio, aciona a raiva de sujeitas(os) escravizadas(os) que não se sabiam mortas(os), que não se sabiam negras(os) e, uma vez instadas(os) a lutar por sua dignidade em um gesto final de tomada do navio, Anansi liberta um homem que liberta às(aos) demais, ateando fogo ao negreiro e subindo ao convés para uma luta final.

⁶ Não por acaso, durante a formulação de um conceito iluminista de liberdade, no contexto de uma filosofia política francesa na segunda metade do século XVIII, se mostrava tão incompreensível a opção pela morte à escravização, da parte de sujeitas(os) negras(os) escravizadas(os). “A linguagem se joga / no oceano – para desespero” não dela mas, além da memória, também, da liberdade, como outro conceito ocidental ao qual, frequentemente, recorreremos para compreender existências amefricanas.

⁷ O recurso a diferentes línguas, no cativeiro do navio, se justifica de modo a inviabilizar a comunicação entre sujeitas(os) escravizadas(os). Em *Écrire la “parole de nuit”*, Ralph Ludwig (1994) propõe este recurso como base às futuras línguas crioulas: no contexto de uma dissertação sobre literaturas caribenhas de língua francesa, Ludwig nos ajuda a compreender que, dentre as línguas que fornecem elementos ao *créole*, figura o francês, sem que isso se mostre, de modo algum, evidente. Disso decorre que, em Ludwig, os negros escravizados compreendiam francês, sem que a recíproca se mostrasse, no mais das vezes; e que, nesta interpretação, sujeitas(os) negras(os) escravizadas(os) aprendiam o idioma de seus colonizadores, sem uma recíproca, necessariamente, verdadeira. Isso implica 1) uma suposição de que negras(os) seriam desprovidas(os) de pensamento abstrato, de capacidade cognitiva - do ponto de vista literário, esta é a inferência gnoseológica de Prospero, que traz sentido à crítica de ingratidão de Caliban; 2) uma suposição, correlata, de que o pensamento só se mostraria possível nestas línguas de matriz europeia - por isso, novamente, a ingratidão de um Caliban que, segundo Prospero, só passara a pensar quando este lhe facultara palavras; por isso, novamente em Ludwig, as narrativas negras mobilizadoras não eram consideradas discurso (e, por conseguinte, não se concebia que apresentassem caráter político). Sob tais bases, se justifica o desespero de uma memória, *soi-disant* museu de tudo, ante a agência da linguagem de sujeitas(os) negras(os), visto que sequer concebia a possibilidade de sua existência até a ver se jogando no oceano.

tência no sequestro, prosseguindo no porão do negreiro, não inviabilizam – por vezes, instauram o ponto de partida a uma linguagem da voz, do corpo, que se requer agência ante a violência. O poema de Pereira, como epígrafe, permite esboçar aspectos da noção de memória, assim como alguns dos problemas literários daí decorrentes, ao longo do presente texto.

Não é raro vermos o Oceano Atlântico associado a um cemitério onde desapareceram milhões de homens, mulheres e crianças mortas durante a travessia para as Américas. Se a metáfora do Atlântico negro se revelou pertinente em numerosos domínios, a do Atlântico como um cemitério baseia-se num contrassenso. É certo que a metáfora dá conta de um lugar de memória, invocando pedras tumulares, nomes e datas, lugar da lembrança possível; no entanto, o comparado assemelha-se antes a uma vala comum, lugar de apagamento de todos os traços biográficos. Apenas a arte parece ser capaz de transformar a vala comum em cemitério, de fazer do Atlântico um novo e vasto lugar de memória onde, à falta de nomes, circulem representações, figuras, sombras. Assim considerada, a arte torna-se o lugar não apenas da memória do trauma, mas igualmente o lugar de reflexão sobre o significado dessa memória para os descendentes das vítimas (SCHURMANS, 2016, p. 154-155).

Como prolegômeno ao presente texto, em consonância a uma trajetória acadêmica em curso, convém, desde o princípio, propor a hipótese de um Atlântico como cemitério e, particularmente, como cemitério de nossos Outros.⁸ Ao menos dois poemas, circulantes em nossas investigações sobre literaturas caribenhas, nos oferecem subsídios à ideia explanada por Schurmans (2016): no fundo deste lugar de apagamento de todos os traços biográficos, tudo jaz; toda a humanidade que conosco vinha no porão de negreiros, em naus, nominatas, cartas náuticas, entrepostos comerciais, fazendas monocultoras, tudo se mostra, hoje, historiograficamente mapeável, investigável, catalogável por nossa atual tecnologia, sem nenhuma contradição de termos com nossa perplexidade, nossa impotência ante o mar. O mar como cemitério, como cofre.

Onde estão seus monumentos, suas batalhas, seus mártires?

Onde está a sua memória tribal? Senhores, neste cofre cinza. O mar. O mar

os trancou. O mar é a História

(WALCOTT apud KANOR, 2007, p. 9, tradução nossa).⁹

A exemplo deste texto que ora se inicia, Fabienne Kanor se utiliza da estrofe de um poema de Derek Walcott como epígrafe a seu romance *Humus*, narrativa que, como parte desta poética própria a uma literatura amefricana contemporânea nas Américas, traz, como protagonistas, onze mulheres negras cujas narrativas se exprimem desde o porão do negreiro francês *Le soleil*. Nas vozes-negras de ambos poemas-epígrafe, assentamos os termos iniciais à presente discussão sobre memória, o lugar da memória em narrativas negras, tomando o Oceano como *topos* a uma abordagem, de natureza comparativa: em ambas epígrafes, a de Pereira e a de Walcott, a linguagem, as linguagens negras jazem no fundo de águas que, em vez de lugar de apagamento de todos os traços biográficos, poderiam ser lidas, interpretadas como repositório de nossos nomes, de nossos devires, de nossa História. A isso se dedica o presente texto. A linguagem se joga (PEREIRA, 2019). O mar é história (WALCOTT apud KANOR, 2007).

Este estudo busca discutir algumas condições de possibilidade à análise de obras amefricanas produzidas por mulheres. Para tanto, tomamos a metáfora do arquipélago, proposta por Édouard Glissant (2014), como fundamento à construção da metodologia que subsidiará a discussão realizada. A metáfora do arquipélago possibilita a instrumentalização de um conhecimento desenvolvido a partir do estabelecimento de relações entre expressões artísticas que compartilham um horizonte em comum, a saber, a evocação de um universo de experiências da travessia narradas desde o ponto de vista de sujeitas(os) negras(os) no processo da Diáspora.

⁸ A exemplo de Bâà, em sua construção da imagem do Atlântico como cemitério, em *Adèle et la pacotilleuse*, de Raphaël Confiant (2007).

⁹ Do original: Où sont vos monuments, vos batailles, vos martyrs? / Où est votre mémoire tribale? Messieurs, / dans ce gris coffre-fort. La mer. La mer / les a enfermés. La mer est l'Histoire.

Nesse sentido, selecionamos um *corpus* literário composto por obras de Maria Firmina dos Reis (2004), Conceição Evaristo (2017, 2020) e Ana Maria Gonçalves (2018). Ademais, realizamos um diálogo com a instalação *Assentamento*, da artista visual Rosana Paulino (2013).

Tecendo considerações sobre a produção literária nas Américas, em *Le discours antillais*, Glissant (1997) levanta a possibilidade de que o passado assombrado, sintetizado como "o esgaçamento do tempo" (*la crispation du temps*), é um dos referentes essenciais da produção literária do continente americano. Sua inferência é defendida com base na ênfase acerca da necessidade de (re) constituição, através da literatura, de "uma cronologia atormentada, senão obliterada por uma série de razões, sobretudo coloniais" (GLISSANT, 1997, p. 435, tradução nossa).¹⁰ Para J. Lorand Matory, se estivermos atentos à importância – considerando os distintos campos de investigação das Ciências Humanas – "[...] das periferias oceânicas e desérticas na história cultural a partir do passado remoto, é provável que aprendamos algumas lições adicionais sobre o presente, incluindo os motivos ocultados pela nossa vontade, às vezes, de silenciar o passado" (MATORY, 2005, p. 239). Nesse sentido, a discussão ora proposta envereda por análises de uma produção literária que abra sendas para manifestações de perspectivas que têm sido historicamente obliteradas pelo discurso hegemônico, sobretudo, evocando o passado histórico, de modo a ampliar nosso olhar crítico sobre as realidades na atualidade. Para sujeitas(os) negras(os), racializadas(os), tratar de memória implica tratar do presente.

Vale ressaltar a centralidade do oceano enquanto potencializador do processo de configuração do imaginário desde textos literários, tal como propõe Daiana Nascimento dos Santos. Em "Atlântico Negro: el océano en la narrativa de esclavizados", a autora parte da compreensão do oceano enquanto espaço de memória e resistências para argumentar que o Atlântico negro

puede ser leído como un espacio de interconexiones económicas, sociales y políticas; como lugar de (re)construcción de las estructuras de la migración forzada en la fuerza laboral en las Américas, y como mosaico de identidades inacabadas que se han retroalimentado por más de tres siglos. Al mismo tiempo, es posible concebirlo como lugar de recuperación/reivindicación de la historia y de la memoria negra, vinculada al sistema esclavista a través de la travesía transatlántica (NASCIMENTO DOS SANTOS, 2017, p. 35).

Em sua proposta quanto ao exame das literaturas e das culturas desde um marco discursivo oceânico, Nascimento dos Santos realiza discussões sobre a relação entre a configuração dos imaginários desde os textos literários e os processos histórico-culturais, identitários, as experiências de deslocamentos e os intensos fluxos migratórios na atualidade. Ademais, enfatiza que as representações oceânicas abrem espaço a um entrecruzamento de construções imaginárias sobre a escravização, o comércio ultramarino, a diáspora transatlântica, os processos de resistência e o legado histórico.

1 Arquipélago

No capítulo inicial de *Introdução a uma poética da diversidade*, Glissant (2005) apresenta o Caribe como um possível prefácio ao continente americano. Em defesa de sua proposição, o ensaísta martinicano ressalta que "[...] o Caribe foi o lugar do primeiro desembarque dos escravos vítimas do tráfico, dos africanos que vivenciaram o tráfico – e que depois eram orientados para a América do Norte, para o Brasil, ou para as ilhas da região" (GLISSANT, 2005, p. 15). Em outros termos, o Caribe é destacado enquanto lugar estratégico para o funcionamento da economia colonial e, por conseguinte, como lugar de trânsito e de passagens – impulsionando a confluência de elementos culturais provenientes de horizontes diversos, que se imbricam e se confundem de modo imprevisível.

Motivado pela geografia do arquipélago caribenho, Glissant traça distinções entre o pensamento continental e o pensamento arquipelági-

¹⁰ Do original: une chronologie qui s'est embuée, quand elle n'a pas été obliterée pour toutes sortes de raisons, en particulier coloniales.

co:¹¹ "pensamento continental, que desvela em diásporas os esplendores do Uno. Pensamento arquipelágico, onde se concentra a infinita variação da diversidade. Mas a aliança entre eles está ainda por vir" (GLISSANT, 2014, p. 219). Nessa concepção, apresentada em *O pensamento do tremor* (2014), subjaz o pensamento frágil, em deriva, imprevisível, cujas alianças entre os elementos distintos estão sendo constituídas em devir. Por sua vez, o pensamento continental alia-se aos pensamentos de sistema ou sistemas de pensamento, "prodigiosamente fecundos, prodigiosamente conquistadores e prodigiosamente mortais" (GLISSANT, 2005, p. 20). Enquanto o pensamento continental avança almejando impor uma universalidade, o pensamento arquipelágico ampara uma transversalidade entre as diferentes paisagens insulares sem, contudo, recair na univocidade, na homogeneização e, sobretudo, sem subestimar quaisquer elementos culturais:

Os arquipélagos são bom ponto de vigia. E se, de pé, cada um em uma dessas ilhas, cada um no seu país, olhamos para o horizonte, vemos não um outro país apenas, mas o Caribe inteiro, que modifica o nosso olhar e lhe ensina a nada subestimar desse mundo, nem os menores pedaços de terra, e nem as misérias mais insuportáveis, nem as festas mais propícias (GLISSANT, 2014, p. 89-90).

A metáfora do arquipélago, assim concebida, abre possibilidades tanto ao alicerce de uma metodologia cujos referenciais são sensíveis à paisagem circundante, quanto a uma produção de conhecimento orquestrada coletivamente.¹² Glissant (2005) proclama a transformação do

continente em arquipélagos, de forma que a produção de conhecimento se torne cada vez menos densa, espessa e pesada. Assim, recorreremos à metáfora do arquipélago com o intuito de expandir nossos horizontes no que tange às epistemologias que rechaçam a legitimação de violências:

A beleza e o tremor de cada paisagem provocam o pensamento e educam a sensibilidade. É possível inferir que a filosofia é uma geografia. Ela é um arquipélago que tenta escapar ao modelo de sínteses impostas pelo pensamento de continente. O sistema de pensamento fechado, continente, é o modo de produzir conhecimento em que legitima e perpetua a herança da Ideia e mobiliza a necropolítica (SANTOS, 2019, p. 213-214).

Em sua tese, Santos parte da filopoética glissantiana para desenvolver argumentações em torno da compreensão de que o pensamento de transparência, elaborado sob parâmetros da continentalidade, substancia políticas de morte.

Se, desde os arquipélagos – enquanto bom ponto de vigia –, podemos lançar o olhar às literaturas amefricanas de autoria feminina, vale ressaltar que nesse itinerário o oceano, em conformidade com o proposto por Nascimento dos Santos (2015, 2017), é o elemento que nos conduz ao estabelecimento de relações entre as obras distintas, uma vez que, a princípio, as literaturas amefricanas de autoria feminina não formam um conjunto coeso entre si, ao contrário, possuem abordagens temáticas e características estéticas variadas. Além disso, na metáfora do arquipélago o oceano subverte a contradição entre a insularidade e o arquipélago enquanto agrupamento

¹¹ Considerando a recepção crítica e as traduções possíveis dos textos de Glissant para o português, vale ressaltar que a tradução do adjetivo *archipelique* por *arquipelágico* – realizada na obra *Pensamento do tremor* (GLISSANT, 2014) por Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães – circula ao lado de 1) *arquipélago*, conforme podemos observar no artigo "Mulheres deixam traços nas águas?" (ALVES, 2014), assim como na dissertação *Três ensaios traduzidos: Édouard Glissant em crítica afrodiáspórica* (SOUSA SOBRINHO, 2018); 2) *arquipélago*, tal como na dissertação *Processos de criouliização no romance Um defeito de cor*: as condições de possibilidade a uma identidade cultural latino-americana (BISPO, 2017) e na tese *O poder de matar e a recusa em morrer: Filopoética Afrodiáspórica como Arquipélago de Libertação* (SANTOS, 2019), entre outras produções acadêmicas.

¹² A respeito das condições de possibilidade a um conhecimento elaborado coletivamente, Maine Alves (2020) destaca as experiências na roda do *Slam* Chamego enquanto força motriz. Em outras palavras, Alves advoga que a vivência da roda no âmbito do *Slam* habilita uma construção de conhecimento coletivo, pautado na horizontalidade; podemos, então, estabelecer uma afinidade entre o assinalado por Alves e o pensamento glissantiano acerca da metáfora do arquipélago. Deslocando a antinomia entre teoria e práxis, Alves converte a vivência desenvolvida sob a metáfora basilar da roda em invitation para que pessoas pretas invistam em suas relações, em seus afetos, em seus corpos e em suas reconstruções coletivas. Alves formula sua concepção de arquipélago em sua participação, na forma de conferência, no curso de extensão promovido por ocasião do lançamento de *Epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas* pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas E'lélékò – vinculado à Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGPSI/UFGRS) – transmitido na plataforma *YouTube*. Maine Alves Prates participa da obra, organizada por Miriam Cristiane Alves e Alcione Correa Alves (2020), com o artigo "Abaixa a guarda e abre o peito", produzido em parceria com Fernanda Maiato e Rafael Barcellos.

coletivo. Por fim, destacamos que a construção de argumentos amparada na fluidez das águas oceânicas previne a ortodoxia do pensamento.

2 Travessia

Em "Águas de Kalunga"¹³, conto de Conceição Evaristo, acompanhamos a protagonista Faizah em um passeio no cruzeiro Águas Mansas. Faizah, uma mulher negra, traz ao leitor um olhar com passado e presente entrelaçados na compreensão do mar enquanto símbolo de morte e renascimento. Kalunga, o mar revoltado de encontro com os seus antepassados, torna-se o mote para a recordação: "Recordar é preciso", diz Conceição Evaristo (2017, p. 11) em um de seus poemas¹⁴. "Recordar é preciso", diz a personagem de "Águas de Kalunga" ao perceber que não pode ignorar o movimento das ondas, enquanto todos os demais passageiros esquecem que estão em pleno mar.

Ter o Oceano e a travessia como inspiração poética tem sido uma constante na literatura escrita por mulheres negras, Conceição Evaristo traz o olhar sensível necessário à compreensão do mar como um novo início, pedra fundamental na construção de culturas particulares e uma concepção diversa de modernidade que, ainda hoje, segue proporcionando discussões. "Águas de Kalunga" é o encontro do tema da travessia tal como desejamos abordar neste estudo: o caminho entre o mar do tráfico e a sequência de vivências e experiências da população negra no país. "Navegante de segunda, embora tenha passagem de primeira classe" (EVARISTO, [2019]), diz Faizah, nada mais representativo para compreender a presença ainda marcante do racismo e da necropolítica na nossa sociedade. É preciso recordar das origens. A literatura presentifica estas paisagens do passado e, por meio de vozes dissonantes, ecoa as experiências de mulheres negras sobre as quais paira a imposição da memória, mesmo daquilo que não vivenciaram

efetivamente, mas que marcam seus corpos, como suturas.

A temática da travessia transatlântica vem gerando questionamentos e possibilidades interpretativas mais amplas especialmente após a publicação de *O Atlântico negro*, de Paul Gilroy (2001), no qual se menciona o momento da travessia e a ideia de raça ou etnia, bem como o (des) encontro de culturas e histórias para a origem de vertentes de nossa modernidade. Nesse sentido, Gilroy identifica a relação entre a história da escravização e o desenvolvimento da civilização ocidental propondo a noção de Atlântico negro, uma geografia de fronteiras fluidas em que as identidades africanas penetram e constituem os territórios das Américas, da Europa e do Caribe.

Apropriando-nos da perspectiva de Gilroy, entendemos a travessia não como apagamento de histórias e culturas, mas como o momento de origem de novas práticas e formações culturais. Percebermos o navio negreiro como "um sistema vivo, microcultural e micropolítico em movimento" (GILROY, 2001, p. 38), como o local de deslocamento entre África e América, além de peça fundamental para mudanças econômicas e sociais relacionadas à ascensão do capitalismo (REDIKER, 2011).

Por meio da obra de Gilroy, o Atlântico pode ser visto sob a perspectiva do sofrimento humano causado pelo tráfico – "o navio, um corpo estranho, invade o espaço das vagas" (EVARISTO, [2019]). Trata-se de um objeto que impõe uma transformação em solo africano e nas vidas de seus habitantes. Não obstante, o Atlântico também pode ser visto pelo viés das práticas culturais geradas no interior dos negreiros e da memória formada a partir da experiência de desapossamento vivenciada por sujeitas(os) negras(os) escravizadas(os).

Por conseguinte, o Oceano pode ser tomado como espaço limiar entre fronteiras nacionais,

¹³ O conto foi inspirado na exposição "O Rio dos Navegantes" (2019) do Museu de Arte do Rio de Janeiro (MAR), que observa a cidade enquanto paradigma portuário.

¹⁴ "O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos / A memória bravia lança o leme: / Recordar é preciso. / O movimento vaivém nas águas-lembranças / dos meus marejados olhos transborda-me a vida, / salgando-me o rosto e o gosto. / Sou eternamente naufraga, mas os fundos oceanos não me amedrontam / e nem me imobilizam. / Uma paixão profunda é a boia que me emerge. / Sei que o mistério subsiste além das águas" (EVARISTO, 2017, p. 11.)

cemitério de corpos negros que não sobreviveram à viagem; também pode ser reconhecido como lugar de memória daqueles que sobreviveram e ressignificaram suas existências – ainda que suas histórias, em sua grande maioria, não tenham chegado a muitos de nós. Do que se pode depreender a importância da literatura a uma reconstrução ficcional desses momentos da história, talvez como uma tentativa de sensibilização e reflexão necessária, afinal, devemos reiterar, “assim considerada, a arte torna-se o lugar não apenas da memória do trauma, mas igualmente o lugar de reflexão sobre o significado dessa memória para os descendentes das vítimas” (SCHURMANS, 2016, p. 155).

Glissant menciona a travessia no navio negreiro como o momento e o espaço onde a vida do sujeito escravizado é tomada pelo mais profundo desapossamento: de suas origens, de suas famílias, de seus costumes, os africanos escravizados e trazidos para a América eram denominados de *migrantes nus*. Esses sujeitos chegam despojados de quase tudo, cabendo apenas à memória a reconstituição e reconfiguração de suas vivências, mas não da mesma maneira, ainda que trouxessem consigo fatos culturais e crenças religiosas anteriores ao sequestro, auxiliando na reconstrução de suas memórias em terra estranha:

Se examinarmos as três formas históricas de povoamento [das Américas], perceberemos que ao passo que os povos migrantes da Europa, como os escoceses, os irlandeses, os italianos, os alemães, os franceses, etc., chegam com suas canções, suas tradições de família, seus instrumentos, a imagem de seus deuses, etc., os africanos chegam despojados de tudo, de toda e qualquer possibilidade, e mesmo despojados de sua língua. Porque o ventre do navio negreiro é o lugar e o momento que as línguas africanas desaparecem, porque nunca se colocavam juntas no navio negreiro, nem nas plantações, pessoas que falavam a mesma língua. O ser se encontrava dessa maneira despojado de toda espécie de elementos de sua vida cotidiana, mas também, e sobretudo, de sua língua (GLISSANT, 2005, p. 19).

Os romances que compõem nosso *corpus* de análise reafirmam a ideia dessa diáspora como conceito que não consiste somente no

movimento espacial, mas acresce a essas trocas conflitos e disputas a transformar a escrita da história. A memória é a via possível à reconstrução desse sujeito em terra estranha, além dos poucos objetos que carregam como ligação entre o passado e o presente imposto pelo sequestro e comércio de almas. Para Gilroy, a ideia de diáspora soma eventos do passado a movimentos e trocas culturais do presente, criando uma contracultura da modernidade a partir do imprevisível, consequente do deslocamento pelo Atlântico. Em Glissant, como mencionado, o imprevisível é formado no trânsito e no devir dos sujeitos “despojados de toda espécie de elementos de sua vida cotidiana”, mas desde o ventre do navio negreiro são (re)criadas culturas e histórias construindo e ecoando, em um novo país, o que Gilroy denomina de Atlântico negro e Glissant, refletindo especificamente sobre o contexto americano, introduz como pensamento arquipelágico.

Achille Mbembe, em perspectiva que pode ser aproximada às construções teóricas de Gilroy e Glissant, também afirma a relevância de pensar o contexto da escravização e da travessia no Atlântico como “fontes batismais da nossa modernidade” e ainda presentes como marcas que podem ser recuperadas para repensar a forma de organização social atual:

Seria errôneo pensar que saímos definitivamente deste regime, do qual o comércio negreiro e, depois, a colônia de plantação ou simplesmente de exploração foram o panorama originário. Nessas fontes batismais da nossa modernidade, pela primeira vez na história humana, o princípio de raça e o tema com o mesmo nome foram instaurados sob o signo do capital, e é precisamente este ponto que distingue o tráfico negreiro e as suas instituições das formas autóctones de servidão. Com efeito, entre os séculos XIV e XIX, o horizonte espacial da Europa alargou-se consideravelmente. O Atlântico foi se tornando o epicentro de uma nova concatenação de mundos, o lugar de onde emergiu uma nova consciência planetária (MBEMBE, 2014, p. 31).

O Atlântico é lugar significativo na construção de novas concepções e organização de mundo. Temos sujeitos africanos no centro da dinâmica de transformação que é operada nesse contexto

de circulações entre as margens dos mares africano e americano. O espaço marítimo da travessia é, para Gilroy (2001), um circuito comunicativo que

capacitou as populações dispersas a conversar, interagir e mais recentemente até a sincronizar significativos elementos de suas vidas culturais e sociais. Esta versão da diáspora é distinta, porque enxerga a relação como algo mais do que uma via de mão única (GILROY, 2001, p. 21).

O imprevisível soma-se às experiências de captura e sequestro provocando, no conceito de diáspora, a ideia de conflito que propõe a reescrita da história: um processo de combinação e complementaridade para entender a diáspora como movimento entre culturas e sua reconceitualização a partir da desterritorialização. O pensamento arquipelágico formado dessa experiência soma o passado e o desenvolvimento de trocas culturais do presente na formação de contraculturas da modernidade, das quais a literatura também faz parte.

Essas memórias estão presentes quando os personagens rememoram o momento da captura em seu lugar de origem; como também na reconstrução do passado. Marcus Rediker (2011) sugere que a compreensão do tráfico e da viagem nos navios negreiros não pode ser desvinculada do desenvolvimento do capitalismo, sendo uma ferramenta que acelerou a organização do trabalho e a exploração a partir de critérios específicos, entre eles o racial. Para o autor, "o navio negreiro era o elo de um fluorescente sistema atlântico de capital e trabalho" (REDIKER, 2011, p. 353), reunindo trabalhadores livres e não livres na construção de uma rede que, no contexto brasileiro, durou mais de trezentos anos.

Esse comércio iniciava antes mesmo da construção do navio negreiro, um espaço de circulação de ideias, bem como "movimento de artefatos culturais e políticos chaves: panfletos, livros, registros fonográficos e coros" (GILROY, 2001, p. 38), exigindo a organização do trabalho em diversas frentes, entre os traficantes europeus, os comerciantes africanos e os americanos:

Deve-se enfatizar que os navios eram os meios vivos pelos quais se uniam os pontos naquele

mundo atlântico. Eles eram elementos móveis que representavam os espaços de mudança entre os lugares fixos que eles conectavam. Consequentemente, precisam ser pensados como unidades culturais e políticas em lugar de incorporações abstratas do comércio triangular. Eles eram algo mais – um meio para conduzir a dissenção política e, talvez, um modo de produção cultural distinto (GILROY, 2001, p. 60).

A hierarquia do navio negreiro é outro ponto fundamental para pensar a dinâmica do tráfico. O capitão detinha o maior poder e lucrava nas negociações, era o responsável pela preservação da carga humana, recebendo diretamente do comerciante as ordens para o transporte. Era também o encarregado por prover o navio e manter a sujeição dos demais tripulantes, e nesse aspecto a violência era um recurso fundamental. O medo era mais um tripulante entre os diversos corpos que habitavam o espaço do navio negreiro. Além do capitão, os marujos seguiam com a responsabilidade de vigiar a carga humana no decorrer da viagem, um trabalho perigoso, e sobre o qual pairava o ícone da morte. Ênio Brito (2019, p. 71) destaca que os marujos gozavam do "privilégio da pele branca", ainda que muitos fossem negros também. Na hierarquia adotada nos navios negreiros eles desempenhavam um papel intermediário entre o capitão e a carga humana ocupando o porão do navio.

Com isso, é possível compreender a rede de comunicação e comércio que se estabelecia ano após ano na dinâmica do tráfico atlântico. O Oceano testemunhava um rentoso comércio de almas sustentado por meio da violência e de mortes desde o momento da captura até a chegada nos portos americanos:

Depois que um navio negreiro fazia a travessia do Atlântico e chegava a um porto americano, os capitalistas comerciantes britânicos e americanos usavam uma nova série de contatos para vender a carga humana e obter lucro. Os comerciantes receptores, sob a supervisão de funcionários coloniais, encarregavam-se das negociações, fazendo a ligação entre o capitão do navio negreiro e sua tripulação com os estivadores locais brancos e negros, com os proprietários de *plantations*, sequeiros de mão de obra, que compravam os escravos. Depois da venda, *commodities* produzidas nas *plantations* locais muitas vezes eram (idealmente)

compradas pelo capitão e embarcadas no navio como carga para a viagem para o porto de origem. Valendo-se desta vasta rede de conexões, os comerciantes usavam o navio negreiro para criar e coordenar uma zona de capitalismo atlântico, que era, em igual proporção, lucrativo para uns e aterrorizante e fatal para outros (REDIKER, 2011, p. 354).

O navio negreiro era o início de um ciclo que deveria seguir após o desembarque nos portos. Aos escravizados era imposto o comportamento de submissão por meio da violência, uma preparação a escravização e trabalho nas *plantations*. Também no navio, formavam-se redes de apoio mútuo: "o navio testemunhava os primórdios de uma cultura de resistência, práticas subversivas de negociação e insurreição" (REDIKER, 2011, p. 355). Se o capitalismo se fortalecia com uma visão de mundo específica pautada em organizações sociais disciplinares que submetiam sujeitas(os) racializadas(os); esse mesmo sistema preparava terreno fértil para o enfrentamento e transformações sociais com uma visão de mundo na qual os conhecimentos adquiridos pelos escravizados seriam postos em prática, uma verve de resistência, que empunhava ferrenha oposição contra a opressão violenta que os atingia.

A memória do passado reconstituída nas narrativas ficcionais marca a ligação das personagens aos seus lugares de origem, ainda que a possibilidade de retorno lhes seja negada. Pode-se afirmar, assim, a construção de um *ser-esfacelado* e de uma *ancestralidade-fragmentada* (PESSANHA; PAZ; SARAIVA, 2019) a partir de diversos momentos e formações, não mais sob o signo da unicidade, vista a impossibilidade de completo apagamento das experiências de desapossamento:

Neste sentido, fugir das origens e de proposições dadas nos coloca em uma maior discussão e análise sobre a memória, uma memória viva que atravessa as águas do atlântico, levando vidas e corpos. E muito mais, '[...] os africanos que cruzaram o Mar Oceano não vieram e sofreram sós. Com nossos ancestrais vieram as suas divindades [...]'. Tais divindades também fazem parte da construção do *ser-que-era*, mas, que durante a imposição do

ser-colonial houve uma ruptura entre este *ser-que-era* e sua ancestralidade, transformando o *ser-que-era* em *ser-esfacelado* e a ancestralidade em uma *ancestralidade-fragmentada*. Logo, a memória sobre o negro [depois da colonização] é composta pelo *ser-esfacelado* e pela *ancestralidade-fragmentada* onde ainda tais resquícios destes dois seres estariam presentes no campo da memória (PESSANHA; PAZ; SARAIVA, 2019, p. 116, grifo dos autores).

A escravização, considerando o contexto das narrativas analisadas neste estudo, marca a formação desse *ser-esfacelado*, sobre o qual apenas a memória pôde atuar na reconstrução de sua história, agora em outro país e tendo sua ancestralidade como força possível dentro e além do seu corpo. A instituição escravista leva à formação dessas identidades marcadas pelo discurso da diferença negra, formando um aparado ideológico que sustentou esse comércio:

o tráfico transatlântico de escravos, que emergiu com a Idade Moderna, estendeu-se por quase quatro séculos, sendo responsável pela retirada de pelo menos onze milhões de pessoas – adultas e crianças – da África, levando-as para a Europa e Américas para viverem como escravos (LOPES, 2016, p. 13).

Os navios negreiros transportavam não apenas uma carga que movimentava economicamente países europeus e americanos, eram vidas que se conectavam a um espaço de origem e, por imposição, ressignificavam suas existências desde o momento do sequestro. Nesse sentido, Gilroy (2001) também reflete não somente a respeito das origens, raízes e sua relação com as identidades, mas também sobre as rotas homônimas¹⁵ e processos de travessia que vão além do movimento do navio negreiro entre África e América. O navio negreiro carregava não somente os produtos de consumo para o continente americano; os corpos de sujeitos negros não estavam alheios às formações culturais gestadas no interior do navio, ao contrário, temos a criação e compartilhamento de linguagens e conhecimentos que alcançam o mundo em sua totalidade, inclusive por meio da arte.

¹⁵ Em nota do tradutor, o conceito de rotas homônimas citado por Gilroy (2001, p. 66), intraduzível em português, significa que o autor "se vale da homofonia, em inglês, de *roots*, raízes, e *routes*, rotas, estradas, mapas.

3 Releituras do Atlântico

Rio de Janeiro, Bahia e Maranhão foram alguns dos principais portos onde se organizaram as viagens negreiras, foram essas províncias os principais pontos de desembarque de africanos traficados para o país. Não à toa a literatura que tematiza o Brasil oitocentista tem como principal ambientação as cidades do Rio de Janeiro, Salvador e São Luís, cruciais para o desenvolvimento do comércio negreiro. Maria Firmina dos Reis e Ana Maria Gonçalves dedicaram-se a narrar os horrores do tráfico e da viagem no tumbeiro¹⁶. A primeira o faz ainda no século XIX no contexto maranhense, trazendo um relato vivo em primeira pessoa na voz de Preta Susana:

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nesta sepultura até que abordamos as praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa. Davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos!

Muitos não deixavam chegar esse último extremo – davam-se à morte. Nos dois últimos dias não houve mais alimento. Os mais insofridos entraram a vozear. Grande Deus! Da escotilha lançaram sobre nós água e breu fervendo, que nos escaldou e veio dar a morte os cabeças do motim (REIS, 2004, p. 117).

O trecho, já conhecido entre aqueles que se dedicam aos estudos de literatura de autoria

negra, principia, na literatura nacional, o olhar humano e sensível para a questão escrava no Brasil. Maria Firmina dos Reis consegue imprimir na personagem um relato que mescla experiência e sentimentos frente ao horror do processo de desumanização. Este recorte do capítulo IX, do romance *Úrsula* (REIS, 2004), leva o leitor exatamente para onde a memória de Preta Susana a coloca novamente: o porão do navio, que é reconstituído em toda a sua dimensão e sentido, um lugar de travessia, onde há o perecimento e o lamento pela falta de toda e qualquer esperança, além do sustento mínimo para a conservação da vida¹⁷.

A mortalidade nos navios negreiros era consequente, entre outros fatores, do fato de ser um ambiente propício à expansão de pestes e doenças. João José Reis e Carlos da Silva Júnior (2016, p. 18) esclarecem que, entre os séculos XVI e XIX, cerca de 750 mil africanos morreram durante a travessia, alguns dos principais motivos eram a fome e a sede constantes, além das doenças e assassinatos durante as rebeliões. A sorte também não favorecia aos enfermos, pois eram lançados ao mar para que os mantimentos alimentassem a carga sadia durante o trajeto. A mortandade, no entanto, não cessava no desembarque: "O enfrentamento da nova esfera microbiana e a longa jornada até o interior fazia com que fossem extremamente altas as taxas de mortalidade dos africanos, ainda em mãos dos redistribuidores brasileiros" (FLORENTINO, 2014, p. 156).

Em *Um defeito de cor*, Ana Maria Gonçalves apresenta, na narração de Kehinde, os passos que marcam a sua jornada entre o sequestro e o de-

¹⁶ Em *Úrsula* e em *Um defeito de cor*, Maria Firmina dos Reis (2004) e Ana Maria Gonçalves (2018) constroem as narrativas referindo-se constantemente ao navio "tumbeiro", um lugar de separação, doença e morte, seja ela física ou não. Em *Úrsula*, Preta Susana enfatiza a perda definitiva de sua liberdade: a viagem no tumbeiro esvazia o sentido da experiência de qualquer tipo de liberdade no Brasil, sentenciando a personagem à escravidão física, ainda que sua mente não seja aprisionada, o que torna o cativo mais insuportável; em *Um defeito de cor*, Kehinde chega sozinha ao continente americano: sua irmã Taiwo e sua avó são vítimas da travessia e de todo o horror narrado desde a lembrança do porão do navio. O tumbeiro é o espaço de um trauma característico do segundo momento da afro-diáspora, ou a escravidão moderna, em que sujeitos escravizados são submetidos ao tráfico e ao trabalho forçado para promover a riqueza das metrópoles através da exploração: um objeto de concretização do exílio cujo destino era, sobretudo, a morte. Edmilson de Almeida Pereira (2021), em diálogo com o pensamento do tremor, de Glissant, também menciona esse movimento do tumbeiro como a via de fertilização de outros continentes por meio das culturas e memórias da população da afro-diáspora, um processo longo e doloroso no qual a língua tem papel preponderante: a humanidade desse sujeito é preservada na e por meio da língua. Há, no caos, uma possibilidade de vida diante do imprevisível criado desde a passagem do tumbeiro no Oceano.

¹⁷ Para uma análise da produção antiescravista de Maria Firmina dos Reis considerando três movimentos: travessia atlântica, maternidade escrava e violência contra sujeitos escravizados, conferir a dissertação *Literatura e atitudes políticas: olhares sobre o feminino e antiescravismo na obra de Maria Firmina dos Reis* (CARVALHO, 2018).

sembarque, igualmente tornando o longo relato da travessia o momento em que o processo de desumanização se mostra mais evidente: "O calor e o cheiro forte de suor e de excrementos misturado ao cheiro de morte, não ainda o do corpo morto [por suicídio], mas da morte em si, faziam tudo ficar mais quieto, como se o ar ganhasse peso, fazendo pressão sobre nós" (GONÇALVES, 2018, p. 51). Kehinde continua:

Ainda naquele dia abriram a portinhola e mandaram que nos sentássemos o mais junto possível da parede do navio. Era difícil nos mexermos, e os guardas se aborreceram, gritando que se não quiséssemos comida era para avisar, porque eles não dispunham do dia todo, tinham mais o que fazer além de dar comida a preto. Usavam o chicote e todas as línguas que conheciam para que entendéssemos. Talvez tivessem nos deixado tantos dias sem comer para que, mesmo com raiva, ficássemos suficientemente fracos para não reagir. Estávamos com fome bastante para evitar qualquer problema que adiasse ainda mais a distribuição da comida, que era carne salgada, farinha e feijão. Cada um recebeu a sua parte em cumbucas de casca de coco, e foram distribuídas algumas vasilhas de água que passaram de mão em mão e não foram suficientes nem para metade de nós, tamanha a sede (GONÇALVES, 2018, p. 51).

A voz de Kehinde ecoa experiências coletivas a respeito do tráfico, dando a conhecer a consciência construída em torno da própria história, que cresce na medida em que a personagem experiencia o desembarque, a vida no Brasil e conclui sua trajetória com o retorno ao continente africano e uma nova diáspora ao Brasil em contexto distinto. A viagem no navio negreiro é a primeira vivência para o trânsito constante, marca da personagem. Sem uma pátria, sem um lugar para retornar, o navio era o lugar dos sentimentos em conflito e suprimidos. Mesmo a revolta não poderia ser expressa, seja pelo enfraquecimento provocado pela fome, seja pela reação violenta dos marujos contra os escravizados.

"Por dentro já nos sentíamos um pouco mortos" (GONÇALVES, 2018, p. 51-52), diz Kehinde durante a viagem. Se a colonialidade do poder se faz pela ideia de raça, com a imposição de

uma classificação racial (QUIJANO, 2000), bem como pela imposição de superioridade de gênero e do dimorfismo sexual (LUGONES, 2020), a noção de humanidade é realizada pela via da exclusão no contexto colonial. Kehinde e seus companheiros de viagem não eram mulheres nem homens, mas a mercadoria ou os sujeitos a serem salvos pelo cristianismo, uma justificativa para a opressão e para a exploração de terras e corpos. Para Cristiane Côrtes,

embarcar era despir-se de tradições e ensinamentos, por isso todos tinham que deixar seus bens, inclusive as imagens, colares, roupas ou qualquer objeto que lhes lembrassem da terra deixada para trás. O silêncio era uma constante durante a viagem (CÔRTEZ, 2020, p. 262).

Os pensamentos de Kehinde rompem esse silêncio para o leitor, mas mesmo sua voz ecoa o vazio das vidas sequestradas e às quais foram impostas a travessia e a escravização.

O medo do total abandono se concretiza para Kehinde ao perder a irmã e a avó entre o período da travessia e do desembarque do tumbeiro: "a pior de todas as sensações, mesmo não sabendo direito o que significava, era a de ser um navio perdido no mar, e não a de estar dentro de um" (GONÇALVES, 2018, p. 61). A comparação entre o próprio corpo abandonado em um mar de indeterminações sobre a realidade que se apresentava e o navio negreiro ressalta o sentimento de deslocamento em meio ao movimento imposto pelos traficantes.

O corpo enquanto instância de reflexões em torno do sequestro e desembarque também pode ser compreendido nas obras de Rosana Paulino, artista visual paulista, nas quais ela aborda as experiências de sujeitos negros no Brasil, mulheres como Preta Susana ou Kehinde. Mais uma vez voltamos às suturas que marcam as travessias da população negra no país, em produções em que a artista une peças e imagens com uma linha negra semelhante às utilizadas em contexto hospitalar (Figura 1).

Figura 1 – Instalação *Assentamento*, de 2013: impressão digital sobre tecido, linóleo e costura



Fonte: Paulino (2013).¹⁸

As peças da exposição *Assentamento*, de 2013, questionam os processos de desumanização impostos aos sujeitos negros trazidos pelo tráfico, como também confrontam os discursos de apagamento de suas subjetividades. As intervenções na imagem original – fruto das fotografias de Auguste Stahl no século XIX para promover a ideia da ciência de então sobre a inferioridade dos africanos em relação à raça branca – através da sutura entre as imagens, como também do bordado da imagem de um coração transbordando a vida, devolvem a subjetividade a essas personagens fragmentadas pela experiência do tráfico. O feto no ventre revela as vidas impedidas

de habitarem os seus lugares de origem, como também o processo violento destinado às mulheres negras expostas aos estupros constantes e, por conseguinte, a darem à luz filhos sem pais. A separação das famílias escravas, o aborto ou o infanticídio como estratégias de resistência e sobrevivência, ao negar aos filhos uma vida de violência e servidão, todos esses sentidos são evocados pela imagem.

É preciso ressaltar, igualmente, as raízes à mostra que demarcam o sentimento de deslocamento, ao mesmo tempo que apresentam a possibilidade de novo enraizamento. Preta Susana, a personagem de Maria Firmina dos Reis;

¹⁸ Disponível em: <https://www.rosanapaulino.com.br>. Acesso em: 10 ago. 2021.

Kehinde, de Ana Maria Gonçalves, dialogam com o leitor ao abordarem essa necessidade imposta de reconfigurar suas memórias para a nova terra que tinham como realidade, sendo possível a esse sujeito diaspórico "ressignificar os espaços e desconstruir valores coloniais" (CÔRTEZ, 2020, posição 370). O comércio escravocrata pode ter sido erguido como prática econômica perversa, mas as obras literárias e visuais potencializam o reestabelecimento das vidas suprimidas nesse processo desumanizador.

Retornando a "Águas de Kalunga", de Conceição Evaristo, o conto une esse passado histórico – marcado pelas contendas econômicas e a criação de novos sistemas de poder em conjunto com o colonialismo perverso –, ao presente ainda assinalado pelo racismo e memórias ancestrais de uma travessia que ainda não foi esquecida enquanto ato humano de violência contra o seu semelhante, como afirma Maria Firmina dos Reis ainda em 1859. Revisitar o passado é o exercício criativo norteador do conto de Conceição Evaristo. Revisar o passado é parte da ação criadora de Maria Firmina dos Reis e Ana Maria Gonçalves. Por meio de cada uma dessas obras é possível observar as marcas da sutura que unem grosseiramente um passado de violência a um presente ainda regado de dores para a população negra. Faizah, personagem de Evaristo, conta ao leitor:

Aqui estou, minha filha me acompanha, ela tem também os olhos cheios das águas de Kalunga. Respeitamos as águas, cultivamos as lágrimas, somos herdeiras e herdeiros de quem sabe verter e enxugar com as próprias dores, nossas mãos mesmas se erguem do fundo dos tempos e se entrelaçam às outras. Temos as palmas e as almas abertas (EVARISTO, [2019]).

A dor desse passado é ainda motivo para a criação de estratégias de sobrevivência, grande parte delas ancoradas em um conhecimento sobre as experiências vivenciadas. Lágrimas cultivadas não são dores remoidas, mas atos sintomáticos de reexistências contra o apagamento dessas histórias. Onde ninguém mais consegue perceber a passagem dos navios, uma viagem-cárcere, Faizah reconstrói as imagens desoladoras do tráfico em sua mente para ressignificar a própria

travessia em um contexto diverso.

Considerações finais

Diante da discussão realizada – sob a hipótese de um Atlântico como cemitério e, particularmente, como cemitério de nossos Outros –, destacamos que o *corpus* literário selecionado nos permitiu acessar processos de recomposição das memórias fragmentadas na travessia atlântica. As obras analisadas habilitam reflexões sobre uma atualidade marcada pela repercussão de violências e, por conseguinte, de traumas oriundos do contexto da escravização. Em outros termos, as narrativas não somente operam uma recomposição do passado como também redimensionam as imagens que configuram o nosso imaginário coletivo, suscitando possibilidades de *Relação* (GLISSANT, 2005) mais éticas no contexto atual.

A metáfora glissantiana do arquipélago enquanto aporte metodológico viabilizou não apenas o estabelecimento de um diálogo entre as narrativas de Maria Firmina dos Reis (2004), Conceição Evaristo (2017, 2020) e Ana Maria Gonçalves (2018) como, também, a abordagem de estudos em torno do tráfico transatlântico e da travessia no navio negreiro produzidos desde distintas disciplinas das Ciências Humanas. Sob a égide do arquipélago, o estudo realizado não busca fomentar a transcendência das singularidades de cada narrativa abordada, mas propõe um recorte centrado na evocação do universo de experiências da travessia narradas desde o ponto de vista de sujeitas(os) negras(os) no processo da Diáspora, somada a um debate intelectual mais amplo em torno da temática do Atlântico negro.

A leitura das narrativas selecionadas diante do quadro de estudos organizado destaca o valor gnosiológico das literaturas amefricanas, na medida em que os textos ficcionais projetam sentidos estratégicos que confrontam aspectos como o ideal de linearidade intrínseco à história oficial e o não reconhecimento da agência de corpos racializados. Ademais, são obras literárias que impulsionam o deslocamento do pensamento continental – cuja pretensa universalidade funciona como ferramenta de controle político

e social com base em interesses excludentes – uma vez que inscrevem perspectivas distintas das estruturas e identidades sociais dominantes.

Ressaltamos que a discussão apresentada está longe de ser exaustiva. Ao contrário, no ensejo do pensamento aquipelágico, buscamos colaborar com a ampliação das condições de possibilidade à análise de literaturas amefricanas produzidas por mulheres – em cujas estruturas narrativas é possível recuperar enunciações desde corpos racializados – que superam a compreensão do oceano Atlântico como vala comum, consagrando-o enquanto repositório de nossos nomes, de nossos devires, de nossa História.

Referências

- ALVES, Miriam Cristiane; ALVES, Alcione Correa (org.). *Epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas*. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2020. (Série Pensamento Negro Descolonial). *E-book*. Disponível em: <https://editora.redeunida.org.br/project/epistemologias-e-metodologias-negras-descoloniais-e-antirracistas>. Acesso em: 15 ago. 2021.
- ALVES, Alcione Corrêa. Mulheres deixam traços nas águas? *Revista Organon*, Porto Alegre, v. 29, n. 57, p. 77-98, jul./dez. 2014.
- ARROYO PIZARRO, Yolanda. *Wanwe. las Negras*. Carolina, Puerto Rico: Boreales, 2012.
- BISPO, Ella Ferreira. *Processos de criouliização no romance Um defeito de cor: as condições de possibilidade a uma identidade cultural latino-americana*. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2017.
- BRITO, Ênio José da Costa. *Leituras afro-brasileiras: reconstruindo memórias afrodiaspóricas entre o Brasil e o Atlântico*. Jundiaí: Paco Editorial, 2019. v. 3.
- CARVALHO, Jéssica Catharine Barbosa de. *Literatura e atitudes políticas: olhares sobre o feminino e anti-escravismo na obra de Maria Firmina dos Reis*. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.
- CONDÉ, Maryse. *Moi, Tituba sorcière...* Paris: Mercure de France, 2008.
- CONFIANT, Raphaël. *Adèle et la pacotilleuse*. Paris: Mercure de France, 2007.
- CORTES, Cristiane. Na rota do Atlântico: Kehinde e o movimento pendular das identidades diaspóricas. In: MIRANDA, Fernanda Rodrigues de; OLIVEIRA, Maria Aparecida Cruz de (org.). *Ana Maria Gonçalves: cartografia crítica*. Brasília: Edições Carolina, 2020. *E-book*.
- CURSO Epistemologias e Metodologias Negras, Descoloniais e Antirracistas. Com participação de PRATES, Maíne; MAIATO, Fernanda; BARCELLOS, Rafael. IS. L.: s. n.l., 9 jul. 2020. 1 vídeo (1h 43min 12s). Publicado pelo canal ELEEKO Núcleo de Estudos e Pesquisas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WBWdaXNRTbg>. Acesso em: 13 jul. 2021.
- EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- ÁGUAS de Kalunga: por Conceição Evaristo: episódio 01. [Locução de]: Elisa Lucinda. Rio de Janeiro: Águas de Kalunga – Museu de Arte do Rio, 11 nov. 2019. *Podcast*. Disponível em: <https://museudeartedorio.org.br/podcast/aguas-de-kalunga-por-conceicao-evaristo-1>. Acesso em: 15 nov. 2020.
- FLORENTINO, Manolo. *Em costas negras: uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34, 2001.
- GLISSANT, Édouard. *O pensamento do tremor: La cohée du lamentin*. Tradução de Enilce do Carmo A. Rocha, Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2014.
- GLISSANT, Édouard. *Introdução à uma poética da diversidade*. Juiz de fora: Editora UFJF, 2005.
- GLISSANT, Édouard. *Le discours antillais*. Paris: Gallimard, 1997.
- GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. 17. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural da Amefricanidade. In: GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa...* São Paulo: Diáspora Africana, 2018. p. 321-334.
- KANOR, Fabienne. *Humus*. Paris: Gallimard, 2007. (Continents noirs).
- LOPES, Gustavo Acioli. O tráfico transatlântico de escravos para o Brasil – Séculos XVI-XIX. In: REIS, Isabel Cristina Ferreira dos; ROCHA, Solange Pereira da. *Diáspora africana nas Américas*. Cruz das Almas: EDUFRB Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. p. 13-36.
- LUDWIG, Ralph (org.). *Écrire la parole de nuit: la nouvelle littérature antillaise*. Paris: Gallimard, 1994. (Collection Folio/Essais).
- MATORY, J. Lorand. O diálogo afro-atlântico. In: PEDROSA, Adriana; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André. *Histórias afro-atlânticas*. São Paulo: MASP, 2018. p. 236-263. v. 2: Antologia.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2014.
- NASCIMENTO DOS SANTOS, Daiana. Atlântico Negro: el océano en la narrativa de esclavizados. *Acta Literária*, Concepción, n. 54, p. 29-50, jul. 2017.
- NASCIMENTO DOS SANTOS, Daiana. *El océano de fronteras invisibles: relecturas históricas sobre ¿el fin? de la esclavitud*. Madrid: Editorial Verbum, 2015.

PAULINO, Rosana. *Assentamento*. 2013. Instalação, impressão digital sobre tecido, desenho, linóleo, costura, bordado, 180 x 68 cm [cada]. Coleção particular. Disponível em: <https://www.rosanapaulino.com.br>. Acesso em: 10 ago. 2021.

PEREIRA, Edmilson de Almeida. Cemitério marinho. In: PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Poesia+*: antologia 1985-2019. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 134-146.

PEREIRA, Edmilson de Almeida. Ideias escritas no mar: uma cartografia das literaturas. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS, 3.; ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM LETRAS, 1., [evento *on-line*], 27 maio 2021, UEMA/Campus Caxias. *Conferência de encerramento*. Caxias: Universidade Estadual do Maranhão, [2021]. 1 vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r-fUGG5vjyG&t=4206s>. Acesso em: 27 maio 2021.

PESSANHA, Eliseu Amaro de Melo; PAZ, Francisco Phelipe Cunha; SARAIVA, Luis Augusto Ferreira. Na travessia o negro se desfaz: vida, morte e memória, possíveis leituras a partir de uma filosofia africana e afrodiaspórica. *Voluntas: Revista internacional de filosofia*, Santa Maria, v. 10, p. 110-127, 2019.

REDIKER, Marcus. *O navio negreiro*: uma história humana. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

REIS, João José; SILVA JR, Carlos da. Decompondo o tráfico. In: REIS, João José; SILVA JR, Carlos da (org.). *Atlântico de dor*: faces do tráfico de escravo. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. p. 13-35.

REIS, Maria Firmina dos. Úrsula: a escrava. Florianópolis: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

REIS, Isabel Cristina Ferreira dos. Relações de gênero no cotidiano de mulheres negras da Bahia oitocentista. In: XAVIER, Giovana *et al.* *Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação*. São Paulo: Selo Negro, 2012. p. 172-185.

SANTOS, Luis Carlos Ferreira dos. *O poder de matar e a recusa em morrer*: Filopoética Afrodiaspórica como Arquipélago de Libertação. 2019. Tese (Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento) – Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SCHURMANS, Fabrice. Fabienne Kanor e Toni Morrison, escritoras do Atlântico: escrever para transformar a vala comum em cemitério. *Revista de sociologia configurações*, Braga, IS. I., v. 17, p. 153-166, 2016.

SOUSA SOBRINHO, Edson César de. *Três ensaios traduzidos*: Édouard Glissant em crítica afrodiaspórica. 2018. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura – Tradução Cultural e Intersemiótica) – Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

Jéssica Catharine Barbosa de Carvalho

Mestra e doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (UFPI), em Teresina, PI, Brasil. Professora de Língua Portuguesa da rede pública municipal de Teresina, PI, Brasil.

Ella Ferreira Bispo

Mestra e doutoranda em Letras, na área de concentração em Literatura, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí, em Teresina, PI, Brasil.

Alcione Corrêa Alves

Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Professor associado II na Universidade Federal do Piauí (UFPI), em Teresina, PI, Brasil.

Endereço para correspondência

Jéssica Catharine Barbosa De Carvalho
Ella Ferreira Bispo
Alcione Corrêa Alves
Universidade Federal do Piauí
Campus Universitário Ministro Petrônio Portella
Centro de Ciências Humanas e Letras
Programa de Pós-graduação em Letras
Bairro Ininga, 64049-550
Teresina, PI, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação das autoras antes da publicação.